

ACTO I

(Depois das pancadas de Mollière, de se lavar e de se acender a ribalta, silencio de segundos.)

"FUGA PARA O INFINITO"

Drama em 3 actos

Original de

COSTA FERREIRA

5
152
83

ACTO I

(Depois das pancadas de Molière, de se fazer escuro na sala e de se acender a ribalta, silencio de segundos.

De repente uma das portas do fundo da plateia abre-se e o ACTOR surge. Vem ofegante, exausto. Fecha a porta atrás de si. Dá uns passos numa grande exaltação, pára, volta-se para trás num terror.)

ACTOR

Fechem as portas!... Todas as portas do teatro... As do palco também que mais ninguém possa entrar... ninguém, seja quem for... Nem sair!... Perdão minhas senhoras e meus senhores eu não os quero prender... se... Enfim se quiserem sair eu... Eu não prendo ninguém não quero prender ninguém (a meio da plateia) Peço-lhes que me desculpem a maneira como entrei, mas era tarde, muito tarde já e eu quis chegar á hora que o cartaz marcava e cheguei. Não é verdade que cheguei?!... De repente no meio de... (pausa onde há uma crisperção nervosa) Num sorriso que é uma pobre máscara trémula) No meio da minha vida, mesmo no meio porque hoje foi o dia em que ela subiu ao cume da montanha onde a terra toca o Céu de todos os deslumbramentos e onde o chão se abre para o abismo de todos os infernos (pausa) Desculpem-me... Estou a dizer coisas sem nexo... Eu estive hoje muito longe de mim próprio, muito longe do teatro, estive na vida de todos os homens que se cruza nas esquinas de todas as ruas e de repente como um clarim, sou-me na cabeça esta ideia magnifica: está uma plateia á minha espera...

Então de repente tudo deixou de ter importância, foi como se um véu cinzento se abrisse deante da luz do Sol, e corri, corri muito para chegar a tempo. Eu sei que a vida correu atrás de mim, que me ameaça ainda. E é por isso que eu mandei fechar as portas do Teatro, mas não se zanguem se quiserem sair eu não os prendo (num grito) Não é verdade | eu estou a mentir. (subindo ao palco numa grande exaltação) Eu quero prende-los a mim... Mas para isso para lhes pedir que fiquem aqui de porta fechada eu tenho o dever de me confessar, sim de ser totalmente honesto (pausa embaraçada) Eu venho de... (numa mudança brusca) Não!... Não se assustem, eu não lhes vou contar a minha vida, não foi para isso que vieram aqui. E mesmo que lhes contasse a minha vida eu não me confessava. Peço-lhes que fiquem apenas porque estamos no Teatro, simplesmente por isso, e estar no Teatro é sempre bom mesmo quando no palco só há um actor que não teve tempo de entrar pela porta da Caixa e de ir ao camarim pintar-se, e a peça as palavras se perdem no caos da minha memória, se afogam nesta tremenda exaltação com que lhes falo... Mesmo assim ainda é Teatro e é Teatro apenas porque eu estou a fugir da vida de toda a gente que calcula, que faz contas, que chora e que tem medo para sonhar alto nestas tábuas... E é por isso que afinal eu os quero prender a mim ao meu sonho, leva-los comigo para o mistério sem fim que está por trás desta cortina onde o infinito pode caber num pequeno farrapo de papel azul. Peço-lhes que me compreendam com os vossos corações. Que seja qual for a vida que levam, o que deixaram para trás, as fomes das vossas almas e dos vossos cor

pos se libertem comigo deste dia, ao mesmo tempo banal e tremendo que cabe apenas dentro de vinte e quatro horas, para vi verem sem espaço nem tempo todos os sonhos que eu ainda sou ca paz de sonhar.

Não usem a lógica que destrói, nem por piedade, procurem saber como isto vai acabar. Sinceramente lhes digo que eu próprio ainda o não sei... Sentem que eu sofro e com tudo o que tem de humano e vivo nos vossos corações, deem-me as vossas al mas, deem-me os vossos nervos, Porque eu que talvez hoje me te nha destruído a mim próprio vou-lhes dar tudo o que sou e tudo o que tenho, para que durante o tempo em que eu puder falar a vossa existência seja um sonho e a minha vida tenha um signifi ca do.

Atrás deste pano está montado um cenário de uma peça que se não vai representar e não se vai representar porque eu estou só no palco. (pausa. Em tom embaraçado) A companhia aca bou de se desfazer há duas horas (num sorriso) Intrigas de bas ta dores não é o que estão a pensar? Sim talvez seja uma intri ga estreita e longa como um folhetim e emaranhada como uma trança de mulher... Mas não pensem nisso agora... Os jornais falarão no caso a seu tempo e talvez até os magazines publiquem fotografias... O autor da peça vai naturalmente mover-me uma ac ção por a representar sozinho quando na distribuição havia oi to personagens, mais a mais consta que o autor já foi advoga do... Mas nada disso tem importância agora, autor, actores, cri ti cos, tudo se confunde e desaparece misturado no mistério su bl imo desta cortina que vai subir dentro de instantes deante dos

vossos olhos para pela primeira vez na minha vida entrar no palco de máscara nua.

O cenário que vão vêr deve dar o ambiente de uma sala burgueza mas como é um cenário que não tem vergonha da sua função de cenário e pôz de parte a ambição desmedida de parecer uma casa de cimento armado ou de pedra e cal, está reduzido á sua expressão mais simples.

(gritando para dentro) Mestre, suba o pano!

(o pano sobe. Uma cortina escura na qual á esquerda está pregada uma mancha azul e uma nuvem. A meio de cena à laia de bímbo sugerindo a divisão entre a casa e a rua a construção sintética de uma janela. À direita uma cadeira, um divã, uma pequena mesa e um armário. Ao fundo á direita lado a lado dois retratos de 1900 um homem de bigode e uma mulher de gampe. À esquerda na rua um candeeiro de iluminação.)

Ora cá está... Cá estão os elementos todos dum espectáculo improvisado, a que se costuma chamar revolucionário e reformador... Coisas que acontecem quando há falta de dinheiro para as montagens. Não falta nada segundo me parece... Ah!... Falta, falta o telefone... O telefone fatal em todas as peças em que entra apenas uma personagem. Mas como devem calcular a montagem foi feita para entrar uma companhia inteira e portanto não se pensou nesse adereço... Veremos se eu sou capaz de fazer isto sem telefone. Deve ser possível porque há uma coisa que todos nós e desde já temos que nos convencer: no Teatro tudo é possível. É o reino da fantasia, o único que tem a suprema ventura de poder escravizar a mais tirânica de todas